

## UM ESQUEMA INTERPRETATIVO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

*Fernando Altenfelder Silva*

Devido principalmente a pobreza das informações de que se dispunha até bem pouco tempo não contamos ainda com qualquer tentativa interpretativa da arqueologia brasileira que possa ser ajustada ao quadro geral americano. Já em 1962, durante o Congresso Americanista do México, Betty J. Meggers e o autor apresentaram um quadro do “Desenvolvimento Cultural no Brasil” baseado nas limitadas informações existentes, incluindo para análise duas grandes áreas a da Bacia Amazônica e a parte Central e Sul do Brasil. Em trabalhos mais recentes, o autor tentou uma ampliação desse esquema apoiando-se nas numerosas contribuições que desde então se fizeram para a pré-história brasileira. Todavia a grande número de trabalhos realizados especialmente no Centro e Sul do Brasil, e as valiosas datações absolutas já obtidas para o Brasil pelo Carbono-14, exigem uma revisão do quadro arqueológico Brasileiro bem como sugerem uma interpretação tipológica bem mais ampla. E o que, no intuito de contribuir para um melhor entrosamento da arqueologia sul americana, tentaremos apresentar aqui.

Entre os novos trabalhos e áreas de pesquisa melhor examinadas nos últimos oito anos, no Brasil, merece especial menção a parte centro Sul do Brasil onde as atividades do Instituto Anchieta de Pesquisas, orientado pelo Prof. Inácio Schmitz no Rio Grande do Sul, as pes-

quisas realizadas pelas Universidades de Santa Catarina y Paraná, com a valiosa colaboração de Wesley Hurt os trabalhos promovidos em São Paulo por Paulo Duarte em Rio Claro especialmente por Tom O. Miller Jr. e pelo autor, e ainda a atividade extremamente produtiva do Programa Nacional de Pesquisas, desenvolvido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi com a colaboração da Smithsonian Institution e com a orientação valiosa de Betty J. Meggers e Clifford Evans, contribuíram de maneira valiosa para uma modificação geral da perspectiva da arqueologia brasileira.

Todavia, na medida em que se ampliam as informações sobre novos sítios arqueológicos aumentam também os problemas demandando novas pesquisas esclarecedoras. Possuíram-se agora pelo menos meia centena de datações pelo Carbono-14, já divulgadas, permitindo situar cronologicamente, em parte, a distribuição das tradições das populações pré-colombianas no território brasileiro, de outro lado, as seriações que melhor poderiam responder a essas perguntas, tais como as de Marajó, Estirão Comprido e Rio Claro não foram - ainda totalmente ou em parte si quer, datadas as datas que possuímos se referem ou a sítios cujas seriações ou não foram adequadamente trabalhadas ou não existem em absoluto, como por exemplo é o caso de sítio do Igarapé do Caqueiro nas proximidades de Manaus.

Faz-se pois mister um grande cidade no estabelecimento das grandes linhas interpretativas as quais estarão sempre formuladas em caráter experimental e provisório.

Em sua crítica as interpretações culturais, Steward menciona três requisitos para a formulação de regularidades culturais: uma trilogia das culturas, padrões e instituições o estabelecimento de uma inter-relação causal entre os tipos estabelecidos; a formulação da recorrência sincrônica ao de seqüência em termos de causa e efeito. Os tipos que sugere, contudo, não conviriam ao esquema brasileiro, pois somente três dos seus seis tipos se aplicariam a nossa arqueologia.

De outra parte o tipo “paleo-indios”, ausente na tipologia de Steward, e mais conveniente a nossa realidade pré-histórica. Ao mesmo tempo, os estágios de Willey e Phillips “lítico” e “arcaico” são bastante sugestivos e convenientes para a problemática brasileira.

Em um esquema interpretativo não caberia falar em horizontes arqueológicos para uma área tão ampla como a brasileira e acreditamos que a expressão estágio, será mais adequada para uma formulação tipológica. A utilização da expressão “lítica” sugerida por Willey e Phillips a nosso ver seria sujeita a críticas comparáveis as que se poderiam fazer as de “paleo-indígenas”, uma vez que a tecnologia lítica subsistiu até períodos posteriores aos contatos hispano-portugueses na América. Mas feitas as necessárias ressalvas e com as devidas definições antecipadas, poderão os estágios “lítico” e “arcaico” serem de utilidade na esquematização da arqueologia brasileira, a semelhança de que sugerem Gordon Willey e Phillip Phillips. Propomos, então, os estágios de Lítico Antigo, ou (Paleo-indígena); Lítico Avançado (correspondendo ao que anteriormente chamáramos da Arcaico, Arcaico, Cerâmico Antigo e Cerâmico Recente.

Passaremos, em seguida, a definir cada um desses estágios e, depois de um rápido exame das áreas básicas de pesquisa arqueológica no Brasil, tentaremos aplicar esses cinco estágios propostos ao panorama da arqueologia brasileira.

## ESTÁGIOS PROPOSTOS

1.- A antiguidade comprovada dos sítios arqueológicos de Cerca Grande, em Lagoa Santa, e do Sambaqui de Maratúia no litoral do Estado de São Paulo, exige que se postule um estágio Lítico Inferior, com início provável ao redor de 10,000 anos a.C. estendendo se até 4,000 a.C. capaz não só de incluir essas manifestações, mas ainda mais, o possível horizonte lítico são oriundas essas diferentes manifestações.

Tal estágio corresponde ao período das extensas savanas que avançavam até a foz de Rio da Prata, e além da atual linha costeira. A fauna, tipicamente pleistocênica, como o documentam as formações da praia marítima rio-grandense do sul. Caracteriza se este estágio, por uma indústria lítica predominantemente de núcleos e lascas, obtidos pela técnica de percussão. Uma indústria característica de caçadores de grandes herbívoros.

Este estágio lítico inferior vai ser substituído por um estágio marcado por um clima propício ao desenvolvimento de grandes florestas.

### 2.- Lítico Superior ou Avançado

Corresponde a um período de 5000 a.C. a 2000 a.C. com uma invasão de florestas e um desaparecimento dos animais de grande porte. Há uma mudança na tecnologia dos instrumentos líticos, que se tornam mais adequados ao trabalho em madeira.

### 3.- Arcaico

Este estágio corresponde ao início de uma fase migratória de caçadores e coletores ou de ocupações, as vezes temporária, dos sambaquis costeiros mais recentes. As populações ainda esparsas, apresentam diferentes formas de adaptação local. Estendem-se de 2000 a 500 a.C.

### 4. Formativo

Corresponde este estágio, ao segundo estágio proposto por Steward é na verdade, uma ten-

tativa de adaptação de “formativo” de Willey y Phillips, definido como a lenta revolução da agricultura, a presença de agricultura ou outro tipo de economia de eficiência comparável. É um período com um crescimento de população e início de tecnologias básicas, introduzidas pelo contato ou eventualmente desenvolvidas localmente. Apresenta-se aqui o início da cerâmica provavelmente recebida de empréstimo, correspondendo ao que anteriormente chamáramos de Horizonte Cerâmico Antigo. Estende-se de 500 a.C. até 500 d.C. A indústria lítica, com uma grande variedade de instrumentos, continua ainda neste estágio, prolongando se até o final do estágio seguinte.

Aqui, como no estágio anterior, os sepulcros apresentam-se freqüentemente com oferendas e revestimento do ocre vermelho.

## 5. Estágio Recente

É o estágio final que se inicia ao redor de 500 d.C. e se entende até os primeiros contactos com colonizadores hispano-lusitanos.

Os cinco estágios postulados são, evidentemente, tipos conceptuais, que, embora baseados na realidade arqueológica dos sítios brasileiros, conhecidos, não representam nenhum deles em particular, embora se aproximam ora mais ora menor de todos. Esses estágios buscam, também, uma possível equivalência com os estágios correspondentes da seqüência andina, platina e do caribe, cujas ligações são muitas vezes postuladas por diferentes autores e deverão ser comprovadas futuramente.

Não seria de utilidade propor outros estágios mais avançados pois não há, na arqueologia brasileira, correspondência aos seus homólogos de outras áreas.

Seria interessante, agora, examinar algumas recentes ampliações do panorama arqueológico brasileiro ocorridas nestes últimos anos, bem como alguns problemas básicos que exigem reexame a maior ampliação de pesquisas. Passaremos, pois, a considerar rapidamente os diferentes sectores onde se desenvolveu a pesquisa arqueológica, em intensidades diferentes: Amazônia a Faixa Litorânea, incluindo os

sambaquis; as Jazidas do Interior, incluindo a área de Rio Claro; a Área Sul do País.

**Área Amazônica:** O que comumente se denomina de área Amazônica na arqueologia brasileira, alcança na verdade quase metade do território brasileiro. Embora de extraordinária importância para explicar os possíveis cominhos de penetração das migrações que aqui demandaram, ainda continua, em termos de conhecimentos arqueológico, quase que no mesmo ponto em que estava há 8 anos. Algumas pesquisas foram promovidas pelo Museu Goeldi e pela Faculdade de Filosofia de Belém, mas não houve uma mudança básica no quadro anteriormente delineado por Evans e Meggers.

Como parte das pesquisas promovidas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Ponapa) sob o patrocínio de Conselho Nacional de Pesquisas e em colaboração com a Smithsonian Institution, sob orientação de Clifford Evans e Betty J. Meggers foram examinados alguns sítios arqueológicos de Alto e Baixo Xingu, ao Norte do Estado de Mato Grosso, do qual nos dá notícias em 1967, em publicação do Museu Goeldi. Os sítios examinados apresentam artefatos de osso, pedra e conchas, e uma cerâmica cuja decoração apresenta engobe vermelho e pintura vermelha sobre branco.

Em um trabalho de campo realizado em 1967, Adélia de Oliveira e Eduardo Galvão fornecem descrições da atual cerâmica Juruna, grupo lingüístico Tupi. Os autores acreditam encontrar nessa cerâmica, caracteres de persistência de tradição Santarém.

Infelizmente não há ainda datações suficientes para tão ampla área. A mais antiga data por C-14 obtida para a fase Ananatuba, na Ilha de Marajó, revela a presença de cerâmica na foz de Amazonas em 980-200 a.C. (SI-385). Isso corresponde a “Tradição Hachurada Zonada”, onde a decoração principal além do engobe vermelho e do escovado é feita por largas linhas incisas.

Segue-se uma “Tradição Borda Incisa” com ênfase em “motivos incisos sobre largas bordas horizontais das tigelas. Na ilha de Marajó, a

fase Mangueiras. Datações por C-14 incluem A.D. 425 ± 58 (P-406) para Manacapuru e A.D. 761 ± 161 (P-161) para a fase Nicarágua, no sul da Venezuela”.

A “Tradição Policroma”, é caracterizada em Marajó pela fase Marajoara, com datas que se estendem de “A.D. 480±200 (SI-386) a A.D. 690±200 (SI-199).

A “Tradição Incisa Ponteadas”, mais recente na área não conta aparentemente com datação ainda. É interessante observar que já em 1956, durante o XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado no Rio de Janeiro, Hilgrad O'Reilly Sternberg apresentava informes sobre datações de um sítio arqueológico do Igarapé do Caqueiro, nas proximidades de Manaus, a 1560 km de Belém obtidas a partir de dois lotes de cacos. O material analisado pelo Lamont Geological Observatory da Universidade do Columbia, oferece as datas respectivas de 2170±120 e 1100±130 (em 1953). Convertendo-se as datas obtemos 217 a.C. e 23 d.C. respectivamente. Infelizmente não houve por parte do autor a elaboração de uma seriação previa do material coletado, que foi apenas reunido na jazida. Todavia, o exame das reproduções de algumas dos cacos coletados oferecidos pelo autor em seu trabalho permitem localizados dentro da tradição “Huchurada Zonada”, que é caracterizada no Marajó, pela fase Ananatuba. A comparação das datas obtidas mostra claramente a contemporaneidade da “Tradição Huchurada Zonada” ao longo do Amazonas e sua ampla distribuição. Mas não se pode, ainda, garantir o sentido do caminhar desta tradição cerâmica. Isso ressalta a enorme necessidade de pesquisas sistemáticas em toda a faixa extremamente ampla da Bacia Amazônica.

**Área da Faixa Litorânea:** Tradicionalmente, na arqueologia brasileira esta é uma das áreas consideradas como melhor estudadas, sempre com ênfase nas manifestações dos Sambaquis. Todavia, somente nos últimos anos é que os trabalhos sistemáticos de Laming e Emperaire Hurt, Rauth e muitos outros, vieram ordenar, até o certo ponto, o caótico amontoado de dados de há muito acumulados. Numerosas datas pelo C-14 foram obtidas permitindo equacionar cronologicamente os Sambaquis e

as jazidas abertas do interior. De outra parte, o inventário mais cuidados dos restos encontrados em sambaquis revelaram uma tecnologia muito mais elaborada do que se supunha a princípio.

As datas obtidas para os níveis inferiores do Sambaqui de Maratú, por exemplo, são de 7.327 ± 1300 e 7.083 ± 5000 a.C.

O Sambaqui de Gunraguacú em Parana-guá, Estado de Paraná forneceu uma data de 4128±134 correspondendo ao 3º milênio a.C.

No inventário dos sambaquis encontram-se: torturais feitos com bula timpânica, de baleia; berloques perfurados, feitos de valvas de ostras? Goivas? Agulhas; pontas; perfuradores e enteramentos com o emprego de ocre vermelho.

O sambaqui de Maratú, cuja base se encontra abaixo do nível do mar, sugere que sua construção foi iniciada quando o nível do oceano estava mais baixo do que o atual. De outra parte, no Sambaqui de Gomes, com uma datação de 2537 ± 76 A.C. a 2540 ± 136 A.C., encontram-se artefatos que incluem machados lascados, facas, raspadores e projeteis de osso e pedra, além de sepultamentos revestidos de ocre vermelho, tradição que Hurt acredita semelhante à Cerca Grande.

Mas os sambaquis mais recentes, como o da Ilha dos Ratos, oferecem datações até de 410±150 A.D., e apresentando mesmo, nas camadas superiores, indícios de ocupação por grupos ceramistas. Esta continuidade de ocupação dos sambaquis, por mais de 10,000 anos é comparável a dos abrigos de Lagoa Santa que apresentam também tal extensão temporal de utilização humana.

As datações dos Sambaquis vieram de certa forma conservada antiga hipótese de que os Sambaquis da Costa do Estado de São Paulo e Paraná eram mais antigos que os da área de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As datas obtidas para os sambaquis de Pontas das Almas, 1670±100 A.C. e Sambaqui Caieira, 1280±150 A.C., revelam uma ocupação relativamente antiga, comparável à das jazidas de Macedo bem como os de São João, Porto Maurício e Gomes, estes últimos ainda no Paraná,



e comparáveis também ao de Macedo. Uma série de datas obtidas para este último indicam de 2937=65 A.C. a 1321=48 A.C.

De outra parte, os sambaquis das Almas, próximo a Florianópolis e o de Espinheira I, próximo a Joinville, ambos de Santa Catarina, forneceram respectivamente as datas C-14 de 2300 A.C. a 450 A.C., para o primeiro e de 970 A.C. a 270 A.C. para o segundo.

Outro aspecto interessante é o ajustamento de tecnologia às condições do material de sambaquis as condições ambientais. Assim é que a análise do material lítico de 14 sambaquis do litoral paulista, feitas por Luciano Isotta, revelou a utilização da matéria prima existente na área selecionada de acordo com a destinação desejada.

Um número bastante grande de sambaquis localiza-se na orla marítima do Estado de Guanabara embora ainda não tenha sido feito um trabalho sistemático de análise dos mesmos. Dias Junior faz referência a três jazidas de sambaquis, na maioria quase completamente destruídas mas não oferece tipologia.

No litoral da Bahia, Calderon estudou o Sambaqui de Pedra Oca, com manifestações cerâmicas, para o qual foi obtida a data de 880 ± 130 a.C.

**A Área do Interior:** Sob esse título, de uma maneira muito geral e pouco precisa, costumava-se reunir em um só grupo os sítios arqueológicos de Lagoa Santa, e, os Sul do País como os de Rio Claro, José Viera e os do Rio Grande do Sul.

Em Minas Gerais, os trabalhos de Hunt e as numerosas e valiosas dotações por ele obtidas em Cerca Grande, permitem recuar o passado pré-histórico brasileiro até 10.000 anos atrás. No abrigo N<sup>o</sup> 6, de sítio arqueológico de Cerca Grande, foram obtidas para sítios arqueológicos brasileiros. “O clima teórico de região, nessa época era aparentemente mais frio e mais seco que em datas posteriores”, –escreve Hunt. “Novamente o hipotético retorno a condições mais secas e mais frias a cerca de 2500 A.C. pode ter estimulado um crescimento da população em Lagoa Santa”. Hunt

reconhece, no abrigo 6, acima mencionado, 3 grandes unidades estratigráficas: os estratos inferiores, que forneceram a data de 8000 anos A.C., aproximadamente, contém indícios da presença do homem, através de enterramentos e de artefatos e um nível intermediário, bastante solidificado, apresenta ainda vestígios de ocupação humana; uma terceira unidade, superior, bastante seca, apresentava, ainda indícios de ocupação. Hunt calcula para a unidade A, de 8 a 5 mil anos A.C. para a unidade B, de 5 a 2500 anos A.C.; para a unidade C, de 2500 anos A.C. a 1850 A.D. E caracteriza o “complexo de Cerca Grande” pela presença abundante de fragmentos e lascas de cristais de quartzo não retocados e poderiam ter sido utilizados; há contudo lascas e fragmentos de cristais de quartzo definitivamente transformados em artefatos padronizados os machados manuais e machados com indícios de acabamento são também comuns.

Ainda como parte de “complexo Cerca Grande” incluem-se –talhadores de várias formas, confeccionados por percussão, martelos de seixos ovóides, pedras polidas feitas de seixos pequenos, pontas de flexa de osso, sovelas, perfuradores, além de pontas de flexa de quartzo.

A jazida José Vieira, no interior do Paraná oferece uma datação respeitável de 4723 ± 355 A.C. para o seu nível mais antigo. Nos níveis inferiores some-se foi encontrado material de pedra talhada.

As camadas superiores (II e I) acusam porém a presença de cerâmica do tipo tupi-guarani, foram obtidas as datas de 4723 ± 355 A.C., 3281 ± 306, 200 D.C.

Laming e Emperaire reconhecem uma indústria de núcleos e uma indústria de lascas. A primeira tem como instrumento mais característico o “chopper”, trabalhado em uma única face. As lascas retocadas são extraordinariamente pouco numerosas. São mencionados também raspadores. No nível mais inferior, contudo, foi encontrada uma ponta de flexa, bem trabalhada, com haste curta.

A cerâmica de José Vieira sem dúvida tipicamente tupi-guarani, pode ser atribuída a

cerca de 500 a 600 anos A.D., a área de Rio Claro, extraordinariamente rica em sítios arqueológicos não cerâmicos, com algumas jazidas cerâmica do tipo tupi-guarani não conta até o momento com um datação absoluta. Todavia, a análise geomorfológica da bacia de Rio Claro, sugere uma antiguidade bastante grande para os terraços, onde se encontram localizados muitos dos sítios arqueológicos, antiguidade comparável as de Lagoa Santa e de Maratúia, e a tipologia dos artefatos, feitas por Miller Jr., animaram aquele autor a propor para as fases mais antigas (Santa Rosa) entre 8 mil a 11 mil anos; e para as mais recentes (Monjolo Velho, Santo Antonio e Marchieri) respectivamente 6000 a 8000, 2500 a 4500 anos e de 2000 até a época atual.

O que caracteriza o horizonte Santa Rosa descrito por Miller Jr., é o ambiente de savanas apresentado um ótimo para as condições de caça, e ainda intervalo tecnológico indicando uma adaptação ecológica a caça de porte médio e grande. Os instrumentos líticos são caracterizam por uma grande variedade de raspadores, facas, bolas de pedra. A indústria é predominantemente de lascas rudes, unifácias, embora núcleos bifaces também estejam presentes.

São Lourenço, de outra parte, acusa uma mudança de clima mais úmido com possível invasão de florestas. E o inventário dos instrumentos indica uma adaptação ao trabalho em madeira.

Quanto as manifestações cerâmicas da região elas serão mencionadas juntamente com as considerações sobre chamada tradição tupi-guarani. Os numerosos sítios inventariados no Rio Grande do Sul especialmente a perspectiva arqueológica brasileira dois novos aspectos: os das casas de pedra e dos aterros.

Os aterros ou cerritos são pequenas formações artificiais com altura variando entre 30 cm até 3 m, com um diâmetro variável entre 20 a 80 m levantados junto a banhados, arroios ou lagoas. Examinados, revelam assés cerritos, restos de mamíferos com ossos quebrados ou calcinados. A cerâmica neles encontrada se caracteriza por três tipos: Cerritos, com antiplástico de areia fina; o tipo Palmares, com um

antiplástico de areia grossa, menos friável que a anterior e o tipo Chuí, com um antiplástico de areia de grossura média. São encontrados ainda nos cerritos, lascas de quartzo, machados de pedra, polidores e ponta de flexas.

As casas de pedra ou casa subterrâneas se aprestam como uma “cratera de 2 a 13 m de diâmetro e de 30 a 60 m de profundidade”. Em uma das casas escavadas por Schmitz foram encontrados buracos de postes. Quanto ao material tecnológico, caracteriza-se ele por mãos de palao e cacos de cerâmica. Essa manifestação Casa Subterrânea ou Casa de Pedra, foi também estudada por Schmys no Paraná, com manifestações cerâmica de tradição não tupi-guarani. Para essa fase, foi obtida a data C-14 de  $1150 \pm 50$  A.D.

A chamada tradição tupi-guarani: Este e um dos aspectos mais estudados e tal vez ainda muito pouco conhecido de arqueologia brasileira. A jazida de Estirão Comprido, estudada em 1954 pelo autor, não possui até hoje infelizmente, uma datação absoluta, o que é aliás deplorável pois a sua seriação tipológica ainda é das mais satisfatórias. Muitas outras jazidas tupi-guaranis foram estudadas desde então no Brasil, entre as quais a de José Vieira (1957) por Laming e Emperaire. Durante os anos de 1965 a 1969 inúmeros jazidas tupi-guaranis, ao longo de toda a faixa costeira e no interior dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foram estudados. Hoje são bastante numerosos os sítios tupi-guaranis para os quais já cerâmica tupi-guarani, identificada em todo Brasil principalmente pela sua decoração de pintura negra sobre engobe branco ou vermelho, ou mesmo simplesmente pelo engobe branco, o ainda pela tradição corrugada e a presença de urnas funerárias, corresponde em traços gerais com as cerâmicas encontradas nas antigas reduções ou missões jesuítas e, principalmente a cerâmica tupinanbá escrita por Metraux.

Não há um tipo de sítio que possa ser denominado tupiguarani apenas pela sua localização. Ao contrario, a sua distribuição é indicio de uma adequada adaptação ecológica. E comum, contudo, encontraram-se sítios arqueológicos tupi-guaranis nas elevações a margem, das curvas de rios com amplo descortino de

áo zagem, tal como em Estirão Comprido, Paraná, com indícios cios, de uma permanência e uso prolongados. Mas a mesma chamada cerâmica tupi-guarani é encontrável na faixa costeira, em sítios abertos a até nas chamadas “casas subterrâneas” ou “cãs de pedra”, e mesmo sambaquis.

A ocorrência de artefatos uma vez que eles são comuns em quase todas as jazidas e sua tipologia ainda não foi devidamente estabelecida. Em Estirão Comprido predominavam os raspadores de muitas formas, machados de pedra almofarizes, polias, adornos, perfuradores, e anzóis de osso.

A ocorrência simultânea das tradições cerâmicas pintadas corrugadas ao lado de uma cerâmica lisa acompanhada muitas vezes de uma cerâmica escovada e untulada sugerem a questão da origem dessas tradições. As datações obtidas pelos pesquisadores do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas para essas diferentes tradições parecem indicar caminhamiento no mesmo sentido mas de velocidade diversa. Para a tradição pintada da cerâmica tupi-guarani, foram obtidas as datas de C-14 de  $570 \pm 150$  A.D. para a fase Umuarama, no Paraná, e  $980 \pm 100$  A.D. para a fase Itapicurú, na Bahia, o que apontaria para um caminhamiento do Sul em direção ao Norte. De outra parte, a tradição corrugada, Maquinó, no Rio Grande do Sul, foi datada de  $880 \pm 110$  A.D.; a fase Mondí, em Santa Catarina,  $1180 \pm 100$  e Sernambitiba no Rio de Janeiro  $1380 \pm 100$ . Isso indicaria, também um caminhamiento em direção ao Norte.

A comparação das seriações obtidas em Estirão Comprido e na área de Rio Claro permitiu afirmar que a tradição tupiguarani, nesta última região, é mais recente que as manifestações similares ocorridas no Estado do Paraná, o que, de certa forma parece confirmar-se agora. Todavia, somente uma comparação sistemática das diferentes seriações em diferentes partes do Brasil poderá resolver partes dos problemas que vão se levantando em torno desta manifestação tupi-guarani.

Somos de entender que as sítios tupi-guaranis, identificados pela cerâmica que recebeu essa denominação, devem ser referidos a um

tipo ideal, independente das manifestações locais, e tendo como ponto de partida, para as características arbitrárias que Lhevenm ser atribuídas, a manifestação tupi-guarani descrita pelos cronistas de contacto europeu. A tradição tupi-guarani representará então um tipo de adaptação que realmente ocorreu iniciando-se possivelmente no começo de nossa era e prolongado-se até a período de contacto como os colonizadores Europeus.

#### ESQUEMA INTERPRETATIVO PROPOSTO

Acreditamos que um melhor entendimento da Arqueologia Brasileira será obtido não em termos de sua análise, simplesmente baseada na distribuição geográfica dos sítios, mas com o auxílio de conceitos de estágios ideais, que servirão de ponto de referencia, para uma classificação das Jazidas e sua posterior comparação com outras jazidas fora do território Brasileiro.

**Estágio Lítico Interior**, com seu possível início 10,000 A.C. e com uma duração até 5.000 A.C. incluem as jazidas de Cerca Grande em Lagoa Santa, o sambaqui de Maratúá, na costa do Estado de São Paulo, em seus níveis mais antigos, a fase Santa Rosa, em Tio Claro, Estado do São Paulo, e as camadas inferiores de José Vieira, Estado de Paraná. Caracteriza-se esse estágio por uma adaptação tecnológica a caça de mamíferos de porte médio e grande. Encontram-se pontas de projeteis de sílex e de osso, machados de pedras bifacias, talhadores com acabamento parcial por percussão, bolas de pedra e machados manuais, Os enterramentos apresentam-se com oferendas e em posição fetal e simifetal.

**Estágio Lítico Superior**: Com um início em 5000 A.C. estendendo-se até 2000 A.C., caracteriza-se por uma invasão de florestas na área das antigas savanas, devido a mudança para climas úmido. Houve um conseqüente desaparecimento da caça de grande porte. Há também uma mudança na tecnologia dos instrumentos líticos adaptados agora ao trabalho em madeira

Incluem-se neste estágio a Unidade He de Cerca Grande, os níveis médios de José Vieira, a fase Monjolo Velho, de Rio Claro, os samba-

quis de Saquarema, Gomes, Mauricio e Guaruacú.

**Estágio Arcaico:** Estendendo-se de 2000 A.C. corresponde ao início de uma fase migratória de caçadores e coletores e de ocupação, as vezes temporária, dos sambaquis costeiros mais recentes, Incluem-se neste estágio os sambaquis de Macedo, Saquarema Superior, e de Ilha dos Ratos, bem como a Unidade C. de Cerca Grande as fases Santo Antonio e Marchiri em Rio Claro, e as camadas médio superior sem cerâmica de José Vieira.

Neste estágio, com uma população esparsa, as diferentes fases se apresentam como adaptações locais. Pode-se, todavia considerar que a volta a um clima seco, e a intensificação da atividade migratória abrigou a uma readaptação tecnológica. Há uma redução no tamanho dos instrumentos e predominam novamente os raspadores, e laminas de tipos variados, bem como aparecessem também, em uma maior quantidade, as volas de pedras com sulcos.

Incluem-se neste estágio as casas de pedra, encontrados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

**Estágio Formativo:** Estende-se este estágio de 500 anos A.C., até 500 de nossa era. Acompanha a revolução da agricultura e acusa um grande acréscimo de população e início de tecnologias básicas. Inicia-se a cerâmica e encontra o seu maior desenvolvimento em fins do Estágio. A indústria lítica acompanha essa evolução com uma variedade de instrumentos melhor elaborados incluem-se neste estágio os níveis superiores dos sambaquis, em geral, os níveis superiores de José Vieira, os níveis inferiores e médios de Estiro Comprimido (Paraná), a fase Arnatuba, em Marajó, as manifestações cerâmicas registradas em Manaos, os sítios no Igarapé do Caqueiro, bem como o Sambaqui da Pedra Oca, na Bahia.

A não ser tal vez na área Amazônica, este estágio não alcança o seu completo desenvolvimento no Brasil.

A manifestação tupi-guarani que se desenvolve neste estágio não evolui para o estágio seguinte que seria tal vez, o dos cultistas. Parte

apreciável dos sítios tupi-guarani dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul podem ser incluídos neste estágio.

**Estágio Recente,** de 500 A.D. até a época de contacto. Alcança fase de ampliação mais manifestações ceramistas mais completas e uma grande intensificação dos contactos das mais variadas tradições. Incluem-se neste estágio a maioria dos sítios tupi-guaranis do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro, e tal vez manifestação cerâmicas de Santaram.

O futuro conhecimento que certamente, obteremos da Bacia Amazônica, possibilitará tal vez a ampliação do esquema proposto com a inclusão do estágio cultista. Todavia, no momento, não teria sentido a sua proposição.

Como consideração final seria interessante podermos relacionar cada um dos períodos propostos com os períodos equivalentes das áreas vizinhas o que deverá constituir uma tarefa a parte e tal vez o possível, resultado de este seminário.

Os estágios propostos não implicam evidentemente em um abandono do estudo das razões de contacto e linhas do difusão das diferentes tradições culturais presentes na área Brasileira. Ao contrário. Significa uma tentativa de ordenações dos dados já bastante numerosos que começam a se acumular nas prateleiras de nossa pré-história, e um convite a sua análise.

Rio Claro, julho de 1970

#### BIBLIOGRAFIA

- Alterfelder Silva, F.  
1962 "Considerações sobre alguns sítios tupi-guaranis no sul do Brasil". Em *Revista do Museu Paulista*, Nova Serie, vol. XIII, 1/1961/62, pp. 377-397.  
1967a "Culturas pré-históricas do Brasil". Em *Revista do Instituto do Estudos Brasileiros*, Nº2, pp. 17-30.  
1967b "Informes preliminares sobre a Arqueologia do Rio Claro". Em *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Museu Goeldi, São Paulo, pp. 157-166. Pub. Av. 6, pp. 79-88.



- 1968 "Arqueologia pré-histórica do Rio Claro". Em *Pré-histórica de Região do Rio Claro*, em pré-história Brasileira, Univ. do São Paulo.
- Alterfelder Silva, F.; Meggers, Betty J.  
1963 "Cultural Development in Brazil". Em *Aboriginal Cultural Development in Latin America, An Interpretative Review*, Smithsonian Miscellaneous Collections. Vol. 146, Nº 1, pp. 119-129.
- Calderon, Valentin  
1964 *O Sambaqui da Pedra Oca*, Salvador, Bahia  
1969 "A fase Aratu no Recôncavo e Litoral Norte do Estado da Bahia". *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Museu Goeldi, Pub. Avs. N. 13, pp. 161-172.
- Couto, Carlos de Paula  
1968 "O Pleistoceno sul-americano e as migrações humanas pré-históricas". Em *pré-história Brasileira*. Univ. do São Paulo, pp. 3-44.
- Dias, Ondemar F. Jr.  
1969 "Considerações sobre o III ano de Pesquisas no Estado do Rio de Janeiro". *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Museu Goeldi, Pub. Avs. N. 13, pp. 143-160.
- Duarte, Paulo  
1969 "O Sambaqui visto a traves de algumas sambaquis". Em *pré-história Brasileira*. Univ. do São Paulo, pp. 45-142.
- Evans, Clifford Jr.  
1967 "Introdução". Em Museu Goeldi, ". *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Publicações avulsas Nº 6, Belém, Pará, pp. 7-13.
- Evans, Clifford Jr. et al.  
1969 "Arqueologia Brasileira em 1968". *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Publ. Avulsas, Belém, Pará.
- Evans, Clifford Jr.; Meggers, Betty J.  
1969 "Introdução". Em *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Museu Goeldi, Publ. Avulsas, Nº 13, pp. 7-11.
- Isotta, Augusto Luciano  
1969 "O material lítico de Sambaquis do Litoral Paulista". Em *Pré-história Brasileira*, pp. 143-156.
- Hurt, Wesley R.  
1964 "Recent radiocarbon for central and Southern Brazil". Em *American Antiquity*, vol. 30 Nº1, pp. 25-33.
- Laming, Annete e Emperaire, José  
1959 "A Jazida José Vieira, um sitio Guarani e Pré Cerâmico do Interior de Paraná". *Arqueologia* Nº 1, Curitiba, Paraná.
- Meggers, Betty J.  
1958 "Current Research-Lowland south America". Em *American Antiquity*, vol. 33, Nº1, p. 135.
- Meggers, Betty J.; Evans Clifford  
1957 "Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon", *Smithsonian Institution Bulletin* Nº 167, Washington.
- Métraux, Alfred  
1948 "The Tupinanbá", *Handbook of South American Indians*, vol. 3, Washington, pp. 95-133.
- Miller, Tom Oliver Jr.  
1968 *Duas Fases Paleolínguas da Bahia do Rio Grande*. Est. de São Paulo.  
1969 "Pré-história da região do Rio Claro, S.P., Tradições em divergência", e *Cadernos Rioclarenses das Ciências Humanas*, Nº1 22-52.
- Museu Goeldi  
1969 "Arqueologia Brasileira em 1968", *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Publicações Avulsas Nº 12 Belém Pará.
- Oliveira, Adélia Engrácia de; Galvão, Eduardo  
1969 "A cerâmica dos Índios Jurana (Rio Xingu)". Em *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Nova Serie, Antropologia, Nº 41, pp. 40-48.
- Piazza, Walter  
1966 *Estudos de Sambaquis*. Univ. Federal de Santa Catarina, Serie Arqueologia Nº 2.
- Schmitz, Inácio S.J. et al.  
1968 "Casas subterrâneas de Planalto rio-grandense". Em *Pré-História Brasileira*. Univ. São Paulo, pp. 167-172.  
"Prospecções arqueológicas na Campanha Rio Grandense". Em *Pré-História Brasileira*. Univ. São Paulo, pp. 173-186.
- Schmyz, Igor  
1969 "Pesquisas Arqueológicas no alto e médio Iguazu". Em Museu Goeldi, *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Public. Avulsas, Nº 13, Belém, Pará, pp. 129-152.
- Simões, Mario F.  
1967 "Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingu". Em Museu Goeldi, *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*, Public. Avulsas, Nº 13, Belém, Pará, pp.129-152.

Sternberg, Hilgard O'Reilly

- 1960 "Radiocarbon Dating as Applied to a Problem of Amazonian Morphology" Reprinted from *Comptes Rendus Du XVIII Congress International de Geographie*, Rio de Janeiro, 1956. Tome Second, Travaux des Sections I, II et III, Comité National Du Brasil, Union Geographique Internationale, pp. 399-424.

Steward, Julian H.

- 1948 "Cultural Casualty and Law: A trail formulation of the development of early civilizations". Em *American Anthropologist*, vol. 51, N° 1, pp. 1-27.

Willey, Gordon R.; Phillips, Phillip

- 1958 *Method and Theory in American Archaeology*. The University of Chicago Press. Chicago.